

BEAT, GERAÇÃO BEAT

De onde vieram os vocábulos “beat” e “geração beat”? Qual foi a sua origem?

Dentre todas as versões, a definitiva é mesmo aquela confirmada, entre outras fontes importantes, por Allen Ginsberg em um de seus últimos textos, o prefácio de *The Beat Book*, de 1996¹:

A expressão “*beat generation*” surgiu em uma conversa específica entre Jack Kerouac e John Clellon Holmes em 1948. Discutiam a natureza das gerações, lembrando o glamour da *lost generation* (*geração perdida*), e Kerouac disse: “Ah, isso não passa de uma geração beat”. Falavam sobre ser ou não uma “geração encontrada” (como Kerouac às vezes a denominava), uma “geração angélica”, ou qualquer outro epíteto. Mas Kerouac descartou a questão e disse “geração beat” – não para nomear a geração, mas para desnomeá-la.²

A conversa foi, acrescente-se, no apartamento onde Ginsberg morava, no Harlem. A expressão aparece em *Go*, de John Clellon Holmes³, narrativa escrita naquele período e publicada em 1952, que está na raiz do mito beat.

1. WALDMAN, Anne (org.) *The Beat Book, Poems and Fiction of the Beat Generation*. Boston: Shambala, 1996.

2. Nas citações, a tradução é minha onde o tradutor não estiver indicado.

3. HOLMES, John Clellon. *Go*. Thunders Mouth Press, 1997.

Também em 1952, Holmes publicaria um artigo na *New York Times Magazine*, intitulado “This is the Beat Generation” (Esta é a geração beat). Logo a seguir, a expressão reapareceria na publicação anônima de um fragmento de *On the Road (Pé na estrada)* por Kerouac, intitulado *Jazz of the Beat Generation (O jazz da geração beat)*.

Enfim, já se falava na existência de uma “geração beat” antes que esta realmente viesse a público, a partir da histórica leitura de poesia na Six Gallery de San Francisco em 1955, com a apresentação de “Howl” (Uivo), de Ginsberg, e a subsequente publicação de *Howl and other Poems (Uivo e outros poemas)* pela City Lights Books em 1956 e de *On the Road*, de Kerouac, em 1957 pela Viking.

Há mais sobre a origem e os sentidos de “beat”. Na época, o termo vinha sendo utilizado por Herbert Huncke, delinqüente freqüentador daquele grupo, amigo de Ginsberg e Burroughs, que costumava exclamar “*Man, I am beat*”, algo como “Cara, estou ferrado”. *Hip talk*, vocabulário da marginália da Times Square, Nova York.

A propósito, hipster seria o marginal absoluto. A circulação do termo foi ampliada pela literatura beat e por *The White Negro (O negro branco)* de Norman Mailer, ensaio publicado em 1957 com o subtítulo *Superficial Reflections on the Hipster (Reflexões superficiais sobre o hipster)*, no qual tomava o partido desses *outsiders*, contrastando-os com o *square*, o burguês, e que sairia em seu livro *Advertisements for Myself (Anúncios de mim mesmo)*, de 1959. De hipster vem hippie, seu diminutivo, que passou a designar alternativos na segunda metade da década de 1960.

Ginsberg, no texto citado, associa o uso do termo “beat” por Huncke a um trecho de seu poema *Uivo*, falando dos *que caminharam a noite toda com os sapatos cheios de sangue pelo cais coberto por montões de neve, esperando que uma porta se abrisse no East River dando*

*para um quarto cheio de vapor e ópio.*⁴ De fato, no inverno de 1948, Huncke, após sair da cadeia, passou quatro dias vagando por Nova York antes de aparecer no apartamento de Ginsberg no Harlem, seus pés escorrendo sangue.

Polissêmica e ambivalente, “beat” também é a batida rítmica do jazz. E pode ser associada à beatitude, palavra-chave do repertório de Kerouac, que, em entrevista de 1959, deu esta interpretação ao termo para contrapor-se a seu sentido mais derrotista. Essa acepção já está em *Uivo*, de Ginsberg, no verso sobre *o vagabundo louco e beat angelical no Tempo, desconhecido mas mesmo assim deixando aqui o que houver para ser dito no tempo após a morte*. E em *Nota de rodapé para Uivo*, ao nomear os beats e associá-los à santidade: *O vagabundo é tão santo quanto o serafim! o louco é tão santo quanto você e minha alma é santa! [...] Santo Peter santo Allen santo Solomon santo Lucien santo Kerouac santo Huncke santo Burroughs santo Cassidy santos os mendigos desconhecidos sofredores e fodidos santos os horrendos anjos humanos!*

Beatnik, no mesmo sentido, é um termo irônico, depreciativo, criado pela mídia no final da década de 1950 (apareceu pela primeira vez no *San Francisco Chronicle* de 2 de abril de 1958). Fusão com Sputnik, o primeiro satélite artificial, referia-se ao fenômeno coletivo, o grande número de jovens que vinham adotando a vestimenta e atitude dos beats. Mas servia para indicar que algo estava acontecendo: designava não mais um grupo de autores, mas um acontecimento social, além de geracional.

Ginsberg, no texto citado, também trata da beat como movimento literário:

4. GINSBERG, Allen. *Uivo e outros poemas*. Tradução, seleção e notas de Claudio Willer. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2005, assim como as citações seguintes.

Um quarto sentido [de “beat”] que se acumulou ao redor do mundo é encontrado na frase “movimento literário da geração beat”. Esta frase se refere a um grupo de amigos que trabalharam juntos em poesia, prosa e consciência cultural desde meados da década de 1940 até que o termo se tornasse nacionalmente popular no final dos anos 1950.

Portanto, há uma delimitação cronológica – de 1944 até 1958 ou 1959 – da beat, se encarada estritamente como movimento literário.

E quem foram os integrantes desse movimento? Ginsberg também deu sua resposta:

O grupo consistiu em Kerouac, Neal Cassady (o herói-protótipo de Kerouac em *On the Road*), William Burroughs, Herbert Huncke, John Clellon Holmes (autor de *Go, The Horn* e outros livros) e eu. Conhecemos Carl Solomon e Philip Lamantia em 1948, encontramos Gregory Corso em 1950 e vimos Lawrence Ferlinghetti e Peter Orlovsky em 1954.

Houve mais beats:

Em meados da década de 1950, esse círculo mais reduzido – através de afinidades naturais de modos de pensar, estilo literário ou perspectivas planetárias – foi ampliado em amizades e realização literária por um número de escritores de San Francisco, incluindo Michael McClure, Gary Snyder, Philip Whalen e, por volta de 1958, por outros poetas poderosos, embora menos conhecidos, tais como Bob Kaufman, Jack Micheline e Ray Bremser, e o poeta negro LeRoi Jones⁵, mais conhecido. Todos

5. Que, a partir da década de 1960, militante do movimento negro, passaria a assinar como Amiri Baraka.

nós aceitamos o termo “beat”, em um momento ou outro, com humor ou a sério, mas sempre com simpatia, e fomos incluídos em uma pesquisa de maneiras, moralidade e literatura beat pela revista *Life*, em uma matéria de capa, de 1959, por Paul O’Neil, e pelo jornalista Alfred Aronowitz em uma série em doze partes intitulada “The Beat Generation” no *New York Post*.

Mas, também conforme Ginsberg, a beat não se restringiu a esses nomes. Houve, na década de 1950, relacionamento com outros poetas: Frank O’Hara e Kenneth Koch, da vanguarda de Nova York, bem como Robert Creeley e outros integrantes do Black Mountain College (instituição dedicada à formação artística, na Carolina do Norte, liderada pelo poeta Charles Olson, que durou de 1933 a 1957).

Houve conexões com outras modalidades artísticas, acrescentou Ginsberg. Expressou-se através do cinema e da fotografia com Robert Frank e Alfred Leslie. Na música, com David Amram; na pintura, com Larry Rivers; na publicação, com Cid Corman, Jonathan Williams, Don Allen e Barney Rosset, além do poeta-editor Lawrence Ferlinghetti.

A lista de Ginsberg poderia receber acréscimos não-cronológicos, de autores que chegaram depois de 1958. Por exemplo, da poeta Anne Waldman, organizadora do aqui citado *The Beat Book* e dirigente do Naropa Institute, criado por Ginsberg em 1974 (em Boulder, Colorado – atualmente Naropa University), e da Jack Kerouac School for Disembodied Poetics (Escola Jack Kerouac para Poéticas Desencarnadas).⁶

6. *Disembodied* se traduz como desencarnado: mas no modo como utilizado relativamente a essa escola de poéticas assume o sentido mais de algo espiritual, transcendental, que de coisa morta.